ENTREVISTA | **LEONARDO EDDE**

PRESIDENTE DA RIOFILME

‘A memória se perde a partir da indiferença, não do esquecimento’

RODRIGO FONSECA Especial para o Correio da Manhã

Dividido até quarta-feira entre sessões de “Feito Pipa” (às 16h e às 18h) e a projeção de “100 Dias” (às 20h), a sala de exibição mais tradicional da cidade, o Odeon, reabriu suas portas no último dia 29, para se colocar à disposição da cinefilia carioca, graças ao empenho da RioFilme. É um desejo dela (re)aparelhar a geografia audiovisual carioca, revivendo templos (da imagem) que vão da Cinelândia aos confins do subúrbio. Leonardo Edde, o diretor-presidente dessa empresa pública estatual (que sonha a 24 quadros por segundo), é um dos artífices desse projeto para acender telas nos mais variados cantos das Zonas Norte e Oeste. Produtor com quase 30 anos de experiência no setor, sócio da Urca Filmes, onde surgiu o fenômeno “Nosso Sonho” (2023), ele hoje lidera ações voltadas à revitalização do nosso parque cinematográfico. Reviver Cinema é uma iniciativa com verbo de (luz, câmera e) ação.

Nesta entrevista, Edde celebra espaços do passado para construir um futuro à luz da poesia.

> “Produzir é fundamental, mas as obras também precisam ser distribuídas, chegar ao povo através das salas de cinema, dos festivais e mostras, dos cineclubes, e encontrar o público”

Como conciliar a preservação da memória – via o resgate do Odeon - com as exigências de um equipamento cultural contemporâneo?

Leonardo Edde - A memória só é preservada a partir da sua exposição e democratização, pois ela se perde a partir da indiferença, e não do esquecimento. Preservar um cinema histórico é manter viva a identidade daquele espaço e, ao mesmo tempo, dar a ele condições reais de funcionar hoje: boa projeção, bom som, acessibilidade, segurança, conforto e uma programação capaz de trazer o público de volta. O Odeon é um bom exemplo. Estamos falando de um cinema que completou cem anos e que faz parte da memória do Rio. Mas ele só continuará vivo se tiver sessões regulares, preço acessível, público e uma operação sustentável.

Como foi retomá-lo?

Sua retomada comercial foi possível graças à parceria entre a Prefeitura, por meio da RioFilme e da Secretaria Municipal de Cultura, e o Grupo Severiano Ribeiro/Kinoplex, proprietário do cinema. E o Reviver Cinema não quer apenas reabrir a sala, mas comprovar que uma sala de cinema de rua funcionando traz maior senso de pertencimento, segurança e autoestima para o território. O Odeon era a peça que faltava para a completa revitalização da Cinelândia, dentro do programa Circuito Cultural Cinelândia. Cada espaço terá de encontrar seu próprio modelo, respeitando as vocações do equipamento, e as particularidades do público do território.

De que forma isso será realizado?

Na maioria dos casos, a ideia é tratar como um Centro de Convivência, onde a população possa se encontrar e se entreter, aproveitar os serviços oferecidos - um ponto de encontro que poderá reunir cinema, teatro, exposições, gastronomia, eventos, serviços da prefeitura e atividades de formação. O importante é que o equipamento tenha uso cotidiano, dialogue com o bairro e não dependa apenas de eventos especiais. Patrimônio vivo é patrimônio frequentado.

Qual é o estágio do Cine Matilde, do Cine Vaz Lobo e do Cine Costinha?

Os três fazem parte da segunda fase do Reviver Cinema e já foram chancelados pela Prefeitura. São projetos maiores e mais complexos, porque envolvem desapropriação, levantamentos técnicos, projetos arquitetônicos, orçamento e obras estruturais. Nossa previsão é avançar nessas etapas a partir de 2027, dentro de um planejamento que vai até 2028. Ainda não é factível precisar uma data individual de entrega antes da conclusão desses dessas etapas. Desapropriação é um processo que demanda tempo, enquanto já estamos preparando os projetos arquitetônicos. O Cine Matilde, em Bangu, é o projeto que está mais detalhado conceitualmente.

Qual é o projeto lá?

A ideia é criar um equipamento com quase 500 lugares, distribuídos entre duas salas de cinema e um teatro, além de área de exposições, foyer, restaurante, um terraço e espaços de convivência. Bangu precisa de um equipamento com essa dimensão, capaz de atender o bairro com essa potência e ajudar a movimentar o entorno. Para se ter uma ideia, o Bangu Shopping conta com mais de 1,8 milhão de frequentadores todo mês.

E a sala de Vaz Lobo?

O Cine Vaz Lobo tem uma importância muito forte para a memória do subúrbio. Além disso, em uma área de 0,5km2, há em torno de sete mil pessoas, o que dá a dimensão do potencial de frequentadores quando o equipamento estiver aberto. O projeto prevê um espaço multiuso - cinema, teatro, educação, preservando a identidade do antigo cinema e dando ao espaço novas possibilidades de uso.

Como fica a sala que leva o nome do inesquecível Costinha?

No Cachambi, o projeto do Cine Costinha prevê duas salas com capacidade total para 266 pessoas, recuperando um ícone da região, e conectando com o polo gastronômico, aprovado pela Câmara dos Municipal em 2021, o Polo Gastronômico e Cultural do Baixo Cachambi.

O que esse resgate representa?

Trazer de volta os equipamentos culturais históricos para as Zona Norte e Oeste é uma prioridade para a Prefeitura, levando em conta importância histórica, as condições do prédio, a situação jurídica, e, principalmente, o impacto que o equipamento pode ter nos territórios. As zonas Norte e Oeste têm uma população enorme e ainda contam com uma oferta cultural muito menor do que já tiveram.

A RioFilme pretende estabelecer uma política permanente de recuperação dos cinemas de rua?

Esse é justamente o objetivo do Reviver Cinema. Não queremos que cada reabertura seja uma ação isolada, anunciada com festa e depois esquecida. Estamos organizando uma política continuada, uma rede de cinemas de rua que possa, por fim, revitalizar os territórios, elevar autoestima, gerando pertencimento, emprego e renda no local. A RioFilme fez um mapeamento dos cinemas que ainda funcionam, dos que estão fechados, dos imóveis tombados e daqueles que hoje têm outro uso. A terceira fase do programa será construída a partir desse levantamento. Há outros antigos cinemas sendo estudados, como o Guaraci, em Rocha Miranda, e o Tijuca Palace, além de imóveis em Campo Grande e no Centro. Mas antes de incorporar qualquer espaço ao programa, precisamos saber se a recuperação é juridicamente possível, quanto irá custar, o uso adequado àquele bairro e como o equipamento será mantido depois de pronto. A obra é só uma parte da questão. Um cinema reaberto precisa de programação, público e ligação com a comunidade. Por isso, o Reviver Cinema se conecta a outros programas da cidade, como eventos e mostras, a Semana de Arte do Rio, o CineCarioca+, que articulam circulação de filmes, eventos e forma-